

Terminologia Geográfica

- FAXINA** — I, varas finas e flexíveis, com que se fazem cêrcas cerradas, entretecendo-se verticalmente com outras varas mais grossas e horizontais; II, campo de pastagem entremeado de arvoredos esguio (R G)
- FAZENDA** — I, estabelecimento de criação de gado, com especialidade vacum e eqüino, II, propriedade agrícola de grande cultura
- Nota — B ROHAN, 64, consigna as duas acepções e dá mesmo os sinônimos — “estância” e “engenho”, exatamente definidos C DE FIGUEIREDO traz apenas a I e insuficientemente explicada Ar Geogr. Fazendas, nas zonas I e II e parte da III Bahia), são exatamente de criação, apenas nos últimos tempos, tendo-se desenvolvido em Pernambuco o cultivo do café começou-se a estender a essas propriedades, seguindo o exemplo do Sul, a mesma denominação, na IV e parte da V o vocábulo só tem a II acepção No Rio Grande do Sul a I acepção corresponde ao termo estância, ao passo que a II se transmuda em engenho, na zona complexa a que primeiro nos referimos Na VI, finalmente, cremos, as duas acepções mais ou menos se penetram (R G.)
- FECHAÇÃO** — Registrado no “Vocabulário” anexo à *Pussanga* de PEREGRINO JÚNIOR, com o significado de rodeio, ato de reunir o gado em determinado local (B de S)
- FECHO** — Também escrito feixo, termo goiano, que significa “rutura das serras pelos rios, que aí correm apertadamente ou por baixo das arestas vivas das rochas, que deixam apenas uma abertura à superfície as mais das vezes de 2 a 3 metros de largura E’ o mesmo que funil, rasgão” (HENRIQUE SILVA — *A Informação Goiana*) (B de S.).
- FEITAL** — Registrado por C TESCHAUER, com o sentido de terra cansada (B de S)
- FERVEDOURO** — Encontramo-lo em A TAUNAY com o sentido de lugar onde o cascalho diamantífero deve ser lavrado Em Goiás, segundo informe do Prof ALCIDE JUBE, chamam fervidor a uma queda d’água no meio de um rio, formando com algumas pedras um poço muito perigoso, mercê do movimento das águas (B de S)
- FOGÃO** — Segundo RODOLFO GARCIA, em Mato Grosso, assim se denomina um terreno onde aparecem grandes grupos de poaias (*Psicotria ipecacuanha*) Informou-nos PANDIÁ CALÓGERAS, que no sul também se chama fogão aos tiechos limitados de terra em melhores condições para o cultivo, abonando-o com o seguinte exemplo: “Tal fazenda é pobre, só tem alguns fogões de terra de planta”. (B de S)
- FOGO-MORTO** — Diz-se dos engenhos que, por uma causa qualquer, já não fabricam açúcar, por extensão, aplica-se a qualquer estabelecimento fabril, e mesmo às pessoas, quando em certos estados psíquicos, ou fisiológicos (R G)
- FORQUETA** — Termo geral que designa o ponto de reunião de dois rios, o lugar de confluência, em ângulo agudo, quando se afila a terra que entre eles medeia, ao jeito de península aberta Nas repúblicas platinas, principalmente no Uruguai, usa-se a palavra forqueta com a mesma significação (B de S)
- FORQUILHEIRO** — Registrado por GASTÃO CRULS, designativo de indivíduo que maneja a forquilha durante um percurso fluvial A forquilha é uma longa vara aforquilhada em uma das extremidades, que serve para propulsionar a canoa, tomando um ponto de apoio na margem do rio E’ termo amazônense (B de S)
- FUNDÃO** — Lugar êrmo e longínquo, afastado (B de S)
- FUNDO** — Registrado por VALDOMIRO SILVEIRA, com a significação de cafundó, lugar afastado No Nordeste há a expressão fundos do pasto para designar os terrenos mais retirados onde se criam os barbatões à lei da natureza (B de S)
- FUNIL** — Sinônimo de rasgão e fecho, termo da potâmica da Bahia e de Goiás, que indica a ruptura de serras pelos rios que as atravessam em gargantas apertadas, não raro por baixo das arestas vivas das rochas que apenas deixam uma abertura à superfície de dois ou três metros de largura Segundo lemos na *A Informação Goiana* os funis, rasgões e fechos mais característicos são encontrados no vale do Tocantins (B de S)

- GAITEIRO** — Lugar nas embocaduras dos rios, periodicamente alagado, onde cresce uma vegetação característica, na qual se encontra em abundância o caranguejo vulgarmente chamado aratu (*Grapsus cruentatus*, LATREILLE) (R G)
- GALPÃO** — Varanda, alpendre, apêndice das estâncias, onde dormem e vivem os peões nas horas de folga e onde se faz o fogão para o churrasco e o chimarrão. É nesse tóscio recinto que se reúnem os gaúchos para as histórias de suas façanhas nos campos encoxilhados, dos seus entreveros e casos de antanho. Este vocábulo é de origem asteca, segundo ZOROB RODRIGUES. Os platinos dizem galpón (B de S)
- GAMBOA** — O mesmo que camboa. Em São Paulo assim se chamam aos lugares dos leitos dos rios em que se remansam as águas, dando a impressão de lagos tranqüilos e quietos. É fenômeno muito comum no rio Juqueriquerê a foz do rio claro no precedente forma uma verdadeira gamboa. TESCHAUER registra o vocábulo com a significação de cêrca feita de iamagens ou de pedras sobrepostas, sem algamassa, que dá vazão às águas, porém não permite a passagem do peixe. O mesmo diz TEODORO SAMPAIO que lhe dá a etimologia — *caá* — *mbo* — o fecho ou cinta de remagens. (B de S)
- GAPUIADOR** — Termo amazonense, que designa o pescador de baixios, ao acaso da sorte (B de S)
- GARAPEIRA** — Telheiro junto às casas de rancho situadas nas estradas, para fornecer garapa aos cavalos em trânsito. O rancho não era mais do que o prolongamento da garapeira, com a qual tinha comunicação interna. Um rancho, dezenas de passos antes da povoação. De um lado estava a longa mangedora” (FRANKLIN TÁVORA) “Raramente passa um cargueiro nas garapeiras sem que dê a seu animal uma ração de melação”. (ARTUR ORLANDO) F A P C.
- GARGANTA** — Ponto mais baixo em que se pode transpor uma serra, e donde partem vales opostos (R. G)
- GARIMPEIRO** — Explorador de metais e pedras preciosas; trabalhador nas lavras de diamantes de Bahia, Minas, Goiás e Mato Grosso, faiscador (B de S)
- GARIMPO** — Termo usado nas regiões diamantíferas do Brasil para designar as minas de diamantes e carbonados, os lugares em que ocorrem estas duas grandes riquezas do subsolo brasileiro ou onde existem explorações diamantíferas e também auríferas (B de S).
- GAROA** — Também grafado garua, termo geral, de origem peruana no sentir de BEAUREPAIRE-ROHAN, que significa chuvisqueiro, chuva fraca e miúda, fina e persistente (B. de S.).
- GARRIL** — Termo pernambucano e provavelmente nordestino usado pelos cangaceiros, designativo de obstáculo propositadamente feito numa estrada para impedir o trânsito de veículos ou cavaleiros, e constituído por uma árvore tombada sobre essa estrada (B de S)
- GARROEIRA** — Nome com que os pescadores alagoanos designam o vento sul (OTÁVIO BRANDÃO — *Canais e Lagoas* — p. 241) (B. de S)
- GAZETEIRO** — Vendedor ambulante de jornais “O gazeteiro, na ocasião em que vendia jornais num bonde elétrico na ponte da Boa Vista, foi alcançado pela grade, ferindo-se” F A P C.
- GERAIS** — Ou ventos gerais, nome por que são conhecidos em todo o Maranhão os alísios do Nordeste, que sopram durante a estação da seca ou verão, de julho a setembro ou outubro. (B de S)
- GIBÃO** — O casaco da véstia de couro do sertanejo F A P C
- JIRAU** — Cama rústica de paus ou varas sobre foiçuilhas cravadas no chão “Cama de varas é jirau” (A PIMENTA n.º 3 de 1902) “Espécies de grade de varas sobre esteios fixados no chão, e mais ou menos elevados, segundo o mister a que se deve prestar. Ora é destinado a leito de dormir nas casas pobres, ora serve de grelhas para moquear a carne ou peixe, ou para nele expor ao sol objetos quaisquer, ora finalmente, como uma espécie de esteira suspensa e presa ao teto da casa por quatro ou mais cordas, para se guardarem queijos e outros gêneros, que ficam desta sorte ao abrigo dos ratos e demais alimárias daninhas” F A P C
- GOAPIRA** — Também guapira e gapira, oriundo do tupi, de *gua-apira* — comêço do vale, cabeceiras, nascentes. Termo usado em São Paulo para designar o início de um vale de uma grotta, a cabeceira do vale (B de S)

- GÓLFO** — Além do sentido comum da nomenclatura geográfica geral — larga reentrância marinha, e de apelidar uma planta ninfócea — golfão, nenúfar ou lírio de água, tem esta palavra, segundo informação de PANDIÁ CALÓGERAS, no Triângulo Mineiro e em Goiás, o significado de “canal estreito”, erodido das rochas marginais, por onde se precipitam em cachões as águas profundas e tumultuosas do rio constrangido entre paredões de pedra”. (Carta de 20-1-1928) (B. de S.).
- GORGULHO** — Nome que se dá no Norte do Brasil aos bancos de areia e cascalho que fazem a obstrução da foz de um rio (B. de S)
- GRAMEAL** — Têrmo do Nordeste, que indica uma formação vegetal idêntica ao carrasco, porém, com a diferença geral que lhe faltam por completo a flora herbácea e sub-arbustiva do solo e as árvores de porte mais elevado e troncos desenvolvidos O aspecto geral da vegetação do grameal é comparável, diz LUTZELBURG, de quem tiramos êste conceito, a um bambual fechado e baixo ou um extenso tabual O grameal não é pois mais do que um carrasco privado das suas árvores e em grande parte de seus arbustos A denominação grameal, continua o sábio botânico, dada pelos sertanejos, não é de todo errada, pois que aplicam o têrmo grama para significar a graminácea sapé (*Imperata brasiliensis*, Trin) (B de S).
- GRAVIANA** — Registado por TESCHAUER que o colheu no *Mané Xique-Xique* de ILDEFONSO ALBANO, com o sentido de brisa que sopra da terra para o mar, o terial (B de S).
- GROTA** — Barranco, escarpado, alcantil Andar por montes e grotas; cair na grota “Terreno em plano inclinado na intersecção de duas montanhas, e mui apropriado à cultura das bananeiras, por tê-las ao abrigo das ventanias (BEAUREPAIRE-ROHAN). “Nos brejos e grotas das serias existem algumas boas fazendas, cujos proprietários tratam com vantagem do plantio da mandioca, da cana, dos cereais, do algodão, e da criação do gado vacum e cabrum” (FERNANDO HALFELD). Quanto à etimologia do têrmo, segundo ROHAN, parece ser uma modificação de gruta. F. A P C
- GROTÃO** — Aumentativo de grota (B de S)
- GRUNA** — Têrmo das Lavras Diamantinas na Bahia, que designa uma escavação profunda feita pelos garimpeiros nos terrenos diamantíferos, também significa as escavações produzidas pelas águas nas ribanceiras de certos rios, como informa TAUNAY Do que seja gruna nas Lavras da Bahia nos informou o inteligente sertanejo MANUEL AFONSO DA CRUZ, morador e conhecedor da região: “a gruna é um fôssco na terra ou em rochas, onde os gruneiros, de rastos, às vêzes por dentro d’água, penetram e aí trabalham, dia e noite, à luz de candeias de azeite Das grunas êles retiram os cascalhos em sacos de fazenda Há grunas em que os gruneiros descem, vencendo as maiores dificuldades e sujeitando-se às maiores contingências, cêrca de 100 metros e daí por diante trabalham, ora deitados, ora de cócoras, na extensão de um quilômetro, perfurando-se às vêzes o solo para que possa entrar o ar” (B de S.).
- GRUNADO** — Rio subterrâneo nas Lavras Diamantinas da Bahia Sinonímia escondido — água sumida (B de S)
- GRUPIARA** — Também gupiara e guapiara, têrmo do Brasil Central, que denomina depósito diamantífero nas cristas e enfestas dos altos e morros Nas Lavras Diamantinas baianas se diz gupiara a mina rasa da terra. (B de S)
- GUAÍBA** — Nome que, em alguns estados do Sul, dão aos pântanos profundos (B. de S)
- GUAPAUÁ** — Segundo nos informou HENRIQUE JORGE HURLEY, em carta de 20 de dezembro de 1929, em Macapá e no Amapá, até onde chegam os campos gerais da Guiana Oriental, é comum em vez de beira-campo, de gua-campo e paua — acabado, isto é, onde o campo acaba e começa a mata de caapena, caraúba, jenipapo, tucumã e paricá Também guapá (B. de S)
- GUARDA-PEITO** — Peça do vestuário de couro do sertanejo, que desce do pescoço à cintura, a modo de colête, resguardando assim o peito do vaqueiro nas suas excursões campestres F A P C
- GURITAS** — Assim se designam, no Rio Grande do Sul, os altos e imponentes cerros da serra de Caçapava, de formas esquisitas e caprichosas, que ao de longe semelham templos, castelos e guaritas de soldados (B. de S)
- HABILITADO** — E’ “assim chamado no estado de Mato Grosso e no alto Paraná, ao empreiteiro da elaboração da erva-mate”, o qual “mantém a seu serviço certo número de peões ou trabalhadores, sendo responsável pelas suas dívidas

- ou antecipos perante o patrão" (*Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio* — Maio, 1928). Tratando da Companhia Mate-Laranjeira, LUÍS AMARAL, do "Instituto de Química Agrícola", refere-se aos denominados habilitados no seguinte passo "Além dos empregados mensalistas e diaristas, tem a Companhia os chamados habilitados. Estes últimos são uma espécie de sub-arrendatários de ervais. Trabalham por conta própria e têm assegurada a colocação de sua safra" (*Boletim do Ministério da Agricultura, Janeiro-Março* — 1937) (B de S)
- HAMADRÍADA — Também hamadrias, designação dada pelo grande VON MARTIUS a uma das zonas em que subdividiu o Brasil do ponto de vista fitogeográfico, a que abrange a região das catingas do Nordeste, chamada por OSCAR DRUDE — sertão-caatinga (B de S)
- HILÉIA — Termo erudito, dado por ALEXANDRE HUMBOLDT à região botânica das selvas da Amazônia, que ocupa a maior parte da cintura hidrográfica do rio-mar. É a zona equatorial de WAPPAEUS, cujo clima quente e úmido favorece sobremodo a exuberância da vegetação, é a mata virgem que cobre a imensa planície amazônica e que abrange as duas secções conhecidas pelos nomes de *caa-igapó* — mata que beira os rios e *caa-été* — ou "mata verdadeira"
- IGACI — Segundo nos informou H. JORGE HURLEY, este vocábulo é usado pelos tembés de referência ao canal principal de um rio: De *ig-água* e *cy-mãe*. Este termo, pondera o ilustre geógrafo, pode substituir perfeitamente o vocábulo germânico *thalweg* empregado na tecnologia hidrográfica (B de S)
- IGUPÁ — RODOLFO GARCIA, que o regista, dá-lhe como significado no Nordeste, onde é ouvido, de brejo ou lagoeiro formado pelas águas pluviais. Do tupi *y* ou *yg-água* e *upá-pouso*, jazida (B de S)
- ILHA DE CASCA — Registado por A. TAUNAY, designativo, em certas regiões, dos sambaquis (B de S)
- INGURUNGA — Termo empregado na Bahia, para assinalar um terreno muito acidentado, com subidas e descidas íngremes por entre morros e serrotes, de trânsito difícil. Registado por BEAUREPAIRE-ROHAN, que aliás não cita a forma muito freqüente — *gurunga* (B de S)
- INVERNADA — Termo do Sul do Brasil, designativo da parte do campo de uma estância, mais ou menos bem resguardada, com boas pastagens, onde, principalmente no inverno, se deixa o gado que se destina à engorda (B de S)
- IPU — Termo tupi, de uso no Ceará, que indica terreno úmido e fresco, adjacente aos serrotes, e que se desenrola em vales ou várzeas (B de S)
- IPUÁ — Termo usado por alguns escritores amazonenses e pelo povo como sinônimo de ilha. De *ig* — água e *puá* — redonda. Informação de escritor paraense JORGE HURLEY, (B de S)
- IPUEIRA — Também grafado ipuêira, ipoeira, ipueira, palavra típica, formada de *ipu* — banhado, lagoa e *cera* — que foi lugar onde houve água (J. HURLEY). Assim se chama, no Nordeste principalmente, aos lagoeiros formados pelo transbordamento dos rios nos baixos marginais, onde as águas se conservam durante alguns meses e são geralmente piscosas (B de S). No Ceará, segundo PAULO NOGUEIRA, é lagoa rasa e alongada no meio das várzeas, formada pelo inverno e que desaparece, acabado este, ou segundo JUVENAL GALENO, lugar do campo, que se enche d'água no inverno, conservando-a por alguns meses. O termo é também conhecido no Pará com a variante de "puera", para designar a lagoa enlameçada, que, após a vazante dos rios, fica nos campos que foram inundados (F A P C)
- ITABERABA — Vocábulo tupi, composto de *itá-beraba* — pedra que resplandece, pedra reluzente, cristal (TEODORO SAMPAIO) com que nos tempos heróicos das bandeiras, os sertanistas designavam as minas fabulosas e rebrilhantes, cuja miragem os arrastava às êrmas paragens da sertania virgem (B de S)
- ITACOATIARA — Termo amazônico que designa inscrição rupestre, gravura ou pintura nas superfícies de rochedos e paredes de cavernas. Literalmente significa pedra pintada, pedra escrita (B de S)
- ITACURUBA — Lugar cheio de pedregulhos e seixos miúdos. Do tupi *ita*-pedra e *curu*-fragmento (B de S)
- ITAIPABA — Também itaipava, intaipaba, intaipava, entaipaba, termo que geralmente designa recife que atravessa um rio de margem a margem, formando-se então correntezas ou corredeiras (B de S)

- ITAMBÉ — Termo peculiar aos estados do Sul e a Mato Grosso, também dito itaimbé, que nomela monte agudo e escarpado ou despenhadeiro, precipício cortante, desfiladeiro de pedra. Em Mato Grosso também se diz tromba, e se ouve ainda taimbé. Vem do tupi — *ita*-pedra e *aimbé*-áspera, afiada, ponteaguda, logo pedra afiada ou em ponta (B de S).
- ITAPEBA — Ou itapeva, recife de pedra que corre paralelamente à margem do rio Assim sendo, itaipaba é uma espécie de barragem transversal e itapeva é um recife longitudinal. Deriva do tupi *ita*-pedra e *peba*-chata — pedra plana, lajeado. Termo do Norte do Brasil, principalmente do Maranhão (B de S).
- ITAPECERICA — Registrado por TESCHAUER e RODOLFO GARCIA. O primeiro escreve que, nos estados de Espírito Santo, São Paulo e Santa Catarina, significa laje escorregadia que lhe dá como área os estados de Espírito Santo e Santa Catarina, o segundo ensina que é monte ou cabeço de formação granítica, de encostas lisas e escorregadias. Concordam os dois autores quanto à etimologia de *ita*-pedra, *peba*-chata e *ceric*-escorregadia, lisa, logo — laje escorregadia, lisa (B de S).
- ITAPICUM — Registrado por A J DE SAMPAIO em seu volume *Nomes Vulgares de Plantas da Amazônia*, definindo nome vulgar dos montículos de termitídeos terrícolas, nos campos de terra firme (B de S).
- ITARARÉ — Vocabulo de origem túpica, de *ita-iaré* — pedra escavada, conduto subterrâneo, segundo TEODORO SAMPAIO, que designa o curso subterrâneo de um rio através de rochas calcárias. O segundo afluente do Paranapanema em extensão, por isso que é subterrâneo em alguns trechos do seu percurso, recebeu o nome de "tararé" o substantivo comum tornou-se neste caso um nome próprio. Em Minas Gerais e Goiás, o mesmo acidente toma a designação de "sumidouro", no sul da Bahia — "escondido" e "água sumida" (Ilhéus), e no este deste mesmo estado — grunado. O termo itararé, que se vê também escrito tararé, é peculiar ao Sul do Brasil (B de S).
- JACOBINAS — Termo usado no sertão da Bahia para designar terrenos impróprios à agricultura e cuja vegetação é de mato baixo, em geral cerrado e espinhoso. É uma forma alterada de jacubina, na grafia e na significação (B de S).
- JACUABINA — Nome que se dava antigamente ao sertão aurífero da Bahia, como nos ensina TEODORO SAMPAIO, que faz derivado do tupi *ya-cuá-pina* — onde há cascalho limpo, ou despido, isto é jazidas de cascalho descoberto. (B de S)
- JANGADA — Espécie de balsa, para transportes, e particularmente, pescaria fluvial e marítima, feita de paus roliços de uma certa madeira muito leve, e convenientemente unidos por cavilhas de madeira rija, formando assim uma lastro, que varia em largura e comprimento, e sôbe o qual assenta um banco, de cujo centro parte o mastro da vela, de forma triangular. "A principal pescaria deste estado, diz um escritor de fins do século XVI, é feita por negros em jangadas, que saem fora ao mar alto. "A jangada é somente conhecida na zona litorânea do Maranhão à Bahia" e tem merecido a atenção de notáveis esciitores e viajantes estrangeiros. HENRY KOSTER, ao vê-las vogando em todos os sentidos, ao entrar no póito do Recife em 1810, confessa que nada do que vira nesse dia lhe causara tanta admiração. "A atrevida jangada de Pernambuco, escreve o nosso historiador F A DE VARNHAGEN, ainda hoje acomete nossos mares, com pasmo do viajante europeu, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sôbre uns toros ligeiíssimos, mal unidos, que vão quase debaixo d'água, navegando dias e dias, longe da vista da terra" (F A P C)
- JAPARA — Termo do sul da Bahia, designativo de terreno arenoso à beira-mar, alagado no inverno (B de S)
- JERERÉ — RODOLFO GARCIA que o regista, dá-lhe como sentido — chuva miúda e persistente, espécie de garoa. E explica "no tupi, certo aparelho para pesca do camarão, usado nos estados no Nordeste, tem o nome de jereré, de *yeré*-voltar, virar ou melhor de seu freqüentativo *yeré-ye*, revisar, vir de contínuo, como cai essa chuva". O termo é muito usado na Bahia, no sertão ocidental, no sentido de garoa. Segundo informação de CARLOS SALES, conhecido da zona referida, "tal garoa cai sempre no tempo frio, no inverno, animando o sertanejo porque diminui a evaporação das lagoas, conservando também por mais tempo as aguadas e refrescando o terreno (B de S)
- JUNDU — Denominação que, em alguns estados do Sul, São Paulo por exemplo, os naturais dão a uma zona adjacente à praia propriamente dita, invadida por uma vegetação "caracterizada por suas curiosas adaptações xerófilas

- e esclerófilas". LÖFGREN estudou como botânico os jundus de São Paulo e aqui transcrevemos um resumo do que disse "O aspecto dessa formação é exatamente o mesmo de um cerradão com suas árvores baixas, contorcidas e espaçadas e grande porcentagem de vegetação arbustiva e herbácea Mas o que aqui difere especialmente é a grande quantidade de epífitas que faltam, quase totalmente, nos cerrados campestres O jundu ou nhundu característico acha-se por detrás das dunas das praias e parece às vezes substituir o mangue, cujo domínio venceu" (B. de S.).
- JUPIÁ** — Registado por BEAUREPAIRE-ROHAN e RODOLFO GARCIA com a significação de remoinho ou voragem que se forma no meio dos rios, o qual constitui sério perigo às pequenas embarcações que nêles navegam (B de S.).
- LACRIMAL** — Termo geral do Brasil, com o significado de olho d'água, minadouro, fonte O mesmo que lagrimal (B de S)
- LADEIRA DE SUBIDA** — Assim, diz RODOLFO GARCIA, são denominadas as depressões situadas na escarpa leste da serra de Ibiapaba, no estado do Ceará Tais são as ladeiras do Tubarão, de São Pedro, do Ribeiro da Mina, etc (B. de S.).
- LADEIROSO** — Terreno acidentado, como que em ladeira (F A P C)
- LADINO** — Nome dado ao africano já instruído na língua vernácula, religião e serviço doméstico ou de campo, para o distinguir do negro novo, o recentemente chegado, e a que se dava o nome de boçal Já no século XVII, servindo-se de ambos os termos, dizia GREGÓRIO DE MATOS nas suas sátiras "Negro ladino e crioulo Porque todos entendais Os ladinos e os boçais" (F A P C)
- LAGAMAL** — Termo usado no nordeste da Bahia para designar os trechos do curso de um rio onde se remansam as águas nas enchentes (B de S)
- LAGAMAR** — Registado por NÉLSON DE SENA, com o sentido de inundação fluvial pelas margens dos rios Termo empregado no sertão de Minas Gerais (B de S)
- LAGOA** — Além do sentido comum, nos estados do Nordeste, se emprega esta palavra para designar uma certa quantidade d'água armazenada em conchas de mais de 20 metros Quando a profundidade é grande e o comprimento excede em muito a largura, se chama na mesma região ipueira ou ipuera (NEIVA E PENA, 1916) (B. de S.).
- LAGOÃO** — Registado por CALLAGE, com a significação de lagoa grande e funda que se forma no curso dos arroios e sangas Com êste sentido é termo de uso no Rio Grande do Sul (B de S)
- LAGRIMAL** — O mesmo que lacrimal (B de S)
- LAGUNA** — Em certos rios da Amazônia assim se chama a um espraiamento ou expansão de rio Registado por GASTÃO CRULS e por êle empregado na *A Amazônia Misteriosa* (B. de S)
- LAJEADO** — Os vocabularistas do Rio Grande do Sul mencionam êste termo como designativo de arroio ou sanga, cujo leito é pedregoso, que corre sobre lajes; o marechal GABRIEL BOTAFOGO nos informou que lá também se usa no sentido de zona do campo coberta de pedras de grande tamanho Em Pernambuco e Bahia êste nome é apôsto ao afloramento de granito e quartzo, mais ou menos extenso e plano Sinônimo de lajeiro (B de S.)
- LAJEIRO** — Termo pernambucano, empregado no sentido de lajeado, vasto afloramento de rochas mais ou menos plano RODOLFO GARCIA informa que os habitantes da zona da mata dizem mais comumente lajedo, que é lídimo português, ao passo que os sertanejos só dizem lajeiro O mesmo temos observado na Bahia. (B. de S.).
- LAJEM** — Termo usado nos estados do Norte, que designa trecho de um rio obstruído por grande quantidade de pedras; registam-no RODOLFO GARCIA e TESCHAUER A p 137 do *O Torrão Maranhense* de RAIMUNDO LOPES, lê-se que lajens são bancos de rocha que atravessam os rios E mais "Foi preciso fazer saltar a dinamite a Lajem Grande do Meaíim, para franquear a navegação Na carta de SAINT ARMAND, contam-se 7 lajens no baixo Grajaú e 3 no baixo Mearim. (B de S)
- LAMARÃO** — Em Pernambuco e Paraíba nomeia uma lagoa formada nas depressões do terreno durante o tempo das chuvas (B de S)
- LAMBEDOR** — Termo usado no sertão da Bahia para designar terreno salgado e alagadiço (B. de S.).

- LANÇANTE** — Termo de uso no Sul do Brasil, registado por CALLAGE e ROMAGUERA, designativo de um forte declive num cêrro ou numa coxilha AFONSO ARINOS empregou-o no seguinte passo do *Pelo Sertão*: “Nas soturnas das rochas, pelas brechas dos lançantes escorrem teimosos fios d’água que vão delindo a rigidez dos blocos e filtrando-lhes no imo a fúria com que arremetem uns contra os outros (B de S)
- LAPA** — Além do sentido comum a Portugal e ao Brasil (cavidade em rochedo, gruta, etc), tem êste vocábulo no Brasil o sentido peculiar de parte do chão de uma mina em exploração, chamando-se capa a que forma o teto da mesma, e pés direitos as partes laterais EVERARDO BACKHEUSER, em cujo *Glossário* colhemos esta informação acrescenta que lapa e capa correspondem aos termos franceses *toit* e *mur* (B de S).
- LARGA** — O campo sem divisas do interior brasileiro E’ freqüente entre sertanejos a expressão “criar na larga”, isto é, sem cêrcas divisórias, na plena comunidade da terra (B de S)
- LATADA** — Assim se denominam, no sertão da Bahia e de outros estados para o norte, os espaços cobertos de palhas ou fôlhas de palmeiras onde se abrigam os fiéis nas santas missões que, de quando em quando, sacerdotes de algumas ordens religiosas pregam nas cidades, vilas e lugarejos (B. de S)
- LAVAGEM** — Na zona das Lavras Diamantinas da Bahia assim chamam os garimpeiros a um amontoado de pedras sôltas, denunciadoras de que, no local e recentemente, trabalharam na exploração diamantina A lavagem antiga diz-se montueira. (B. de S).
- LAVADEIRA** — Termo que apelida a cava ou bacia, onde, no terreno, se lava o cascalho por meio de bateias (B de S)
- LAVRA** — Além de indicar terreno de mineração, lugar em que se extrai o ouro ou o diamante, êste vocábulo designa, no Rio Grande do Sul, a lavoura do algodão Neste sentido regista-o TESCHAUER (B de S)
- LAVRADOR** — Concessionário de um limitado trato de terra nos engenhos de açúcar, para o cultivo da cana, correndo a moagem por conta do proprietário da fábrica, mediante uma acordada porcentagem sôbre o açúcar que produzir a colheita do ano, e ainda o mel resultante O lavrador é um simples ocupante, sem o ônus de renda ou fôro, levanta a sua casa de moradia, e cultiva também uma pequena lavoura de cereais, sem mais os encargos de vantagens ao senhorio como na da cana Lavrador, primitivamente, era o próprio senhor ou proprietário do engenho, como se vê do Cap 34 do Regimento dos Provedores da Fazenda Real das Capitânicas do Brasil, dado em Almeirim a 17 de dezembro de 1548, nestes têrmos: “Lavrador algum, nem pessoa outra que fizer açúcares, nas ditas terras, não tirarão para si, nem para outrem fora da casa de purgar o dito açúcar sem primeiro ser alealdado, e pago o dízimo dêle sob pena de o perder”. Tempos depois, o proprietário da fábrica, em geral abastado, ocupando na colônia elevadas posições fidalgas, vivendo à lei da natureza, passou a ser chamado senhor de engenho, ficando o qualificativo de lavrador para o morador nas suas terras e plantador de cana, o que já era vulgar nos primeiros anos do século XVIII, como assim o refere um cronista de meados do mesmo século, Fr MANUEL CALADO “Morava na Várzea de Capibaribe um homem honrado, lavrador de canas, chamado MANUEL FILIPE SOARES, o qual vendo andar no seu pasto um cavalo estranho, e sem dono, seis ou sete dias, mandou o tomar, e prêso em uma corda o levou a JOÃO FERNANDES VIEIRA, que era o senhor do engenho, em cuja terra êle tinha o seu partido”. Esta mesma distinção, consta também documentadamente, e já de então como se vê da Provisão Régia de 15 de janeiro de 1683 determinando que os senhores de engenhos e os lavradores de suas terras não fossem executados nas fábricas dos seus engenhos e fazendas, mas sim sôbre as suas rendas Vem naturalmente, dessa época, o velho prolóquio. Quando o senhor do engenho chora, que fará o lavrador? (F A P C)
- LEIRÃO** — Leira de terra bastante alta e contínua no sentido longitudinal, empregada para plantação de tubérculos, principalmente quando o terreno é úmido ou por demais compacto, como o massapê (R G)
- LENÇÓIS** — Assim se chama na costa maranhense a uma série de dunas que se prolongam desde o gôlfo do Maranhão até a foz do Parnaíba. E’ sabido que o litoral dêsse estado nortista é dividido em duas secções perfeitamente distintas o litoral de oeste, do Gurupi ao gôlfo, e o litoral dos Lençóis, do gôlfo aos limites do Piauí A secção dos chamados Lençóis compreende uma tira de costa aberta, uniforme, sem enseadas capazes, arenosa em extremo, onde se desenrolam a perder de vista areais alvos e, não raro,

- despidos de todo e qualquer revestimento vegetal O nome de lençóis lembra, diz RAIMUNDO LOPES em seu *O Torrão Maranhense*, p 175, "a indefinida extensão desolada e desnuda, que se estende a leste do golfo do Maranhão, como o primeiro trecho da árida costa do Nordeste, ondeando em carnaubais e morros de areia até a extremidade continental de São Roque" Os lençóis dividem-se em grandes e pequenos, separando-os a foz do rio Preguiça "Os lençóis grandes são de areia brilhante semelhante roupas estendidas na praia e os pequenos, assim chamados por serem mais baixos que os outros, são dunas que apresentam a espaços grupos de árvores" (CONRADO HECK — *Costas do Brasil*, 1ª parte — P 87). (B de S)
- LETREIROS** — Assim se designam no Nordeste e centro do Brasil as figurações rupestres, gravuras e pinturas nas superfícies dos rochedos e paredes de cavernas (LUCIANO JQUES DE MORAIS — *Inscrições Rupestres no Brasil* — Public. da Inspetoria de Obras Contra as Secas N° 64 — Série I D) Tem também o nome de pinturas, pedras lavradas, pedras riscadas (Minas Gerais) pedras pintadas ou itaquatiras (Amazonas), denominações estas que lhes dão os sertanejos (B de S)
- LIBOMBO** — Leva de setanejos que emigram anualmente, em busca de trabalho na zona da mata, ou sul, como eles chamam (R G)
- LINHEIRA** — Brasileirismo de Goiás, designativo de caminho estreito, vereda, picada (B de S)
- LOCA** — Buraco, cova, escondeijo Metido na loca, oculto escondido (F A P C)
- LOGRADOR** — Nos estados do Nordeste, da Bahia ao Maranhão, dá-se este nome a uma parte da fazenda de criação de gado vacum em lugar afastado, no qual se fazem currais, aguadas, etc e onde vai o vaqueiro tratar do gado e principalmente dos animais feridos (JUVENAL GALENO). E' corruptela de logradouro ou logradouroiro (B de S)
- LOMBA** — Segundo informação que tivemos a felicidade de ouvir do venerando geógrafo barão HOMEM DE MELO, este vocábulo, no Rio Grande do Sul, designa a declividade dos pequenos morros e das coxilhas baixas Diz-se também lombada Registrando-o, escreveu MACEDO SOARES "os nossos clássicos seitanistas empregam lombas no sentido de chapada com declive pouco sensível" (B. de S)
- LUFADA** — Em português lufada significa rajada de vento (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO), na região central de Mato Grosso designa fenômeno idêntico ao que, na Amazônia e em São Paulo, tem o nome de piracema e na Bahia curso Assim descreve a lufada ERNESTO VINHAIS em seu livro *Feias do Pantanal*, à p 78: "Principiou por um rumor surdo, que foi crescendo até atingir a tonalidade de forte e incessante ribombar O som vinha do São Lourenço e um dos práticos, a quem perguntei o que significava, conduziu-me à margem, apontando para as águas em tubilhão A formidável massa líquida, numa fila longa, cujo extremo a vista não alcançava, parecia feiver As águas barrentas espumavam, formando um lençol amarelo, de onde despontavam corpos de peixes de todo o tamanho, cujas escamas, de colorido dourado e prateado, refletiam os raios brilhantes do sol A lufada é o êxodo dos peixes do Pantanal, rumo às cabeceiras dos grandes cursos d'água Todos os anos entre maio e junho, se verifica esse fenômeno" A lufada no seu início e no fim, dá lugar a uma indústria mais rendosa e fácil As margens dos rios, em toda a extensão e intervalos de algumas centenas de metros, fica postada gente aparelhada para pescar grandes quantidades As rédes são lançadas à passagem dos peixes de qualidade preferida e retiradas abarrotadas pelos pescadores, que os transformam em azeite (B pe S)